



A BIBLIOTECA, A UNIVERSIDADE E O CONHECIMENTO “EM REDE”

Prof. Doutor José Augusto Cardoso Bernardes
Director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra



Em Coimbra, existe uma biblioteca com quase três séculos, que é visitada por mais de 300 mil pessoas em cada ano. A grande maioria são turistas que se sentem tocados pelo aparato visual: os dourados que recobrem as colunas e envolvem o retrato de D. João V, o monarca que autorizou a sua construção, a policromia dos tectos, a concentração de madeira entalhada. Há, depois, visitantes que perguntam pelos livros: querem saber de que matérias tratam, se ainda são lidos, se são todos preciosos. Por último, existe a (considerável) parcela daqueles que se contentam em saber dos morcegos. Se existem realmente, quantos são, se comem apenas as larvas e as borboletas que atacam os livros ou se precisam de vir cá fora para variar a ementa.

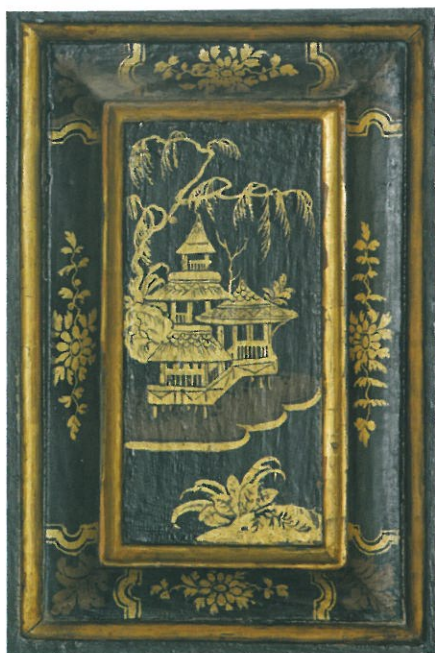
Não são muitos os que se dão conta de que se encontram numa biblioteca universitária. E serão decerto poucos os visitantes que se apercebem de que ela é portadora de uma mensagem para a universidade. E, no entanto, aí reside talvez o principal interesse daquela portentosa *casa falante*.

Basta olhar para os tectos do edifício e reparar nas mensagens que lá foram gravadas. Logo na primeira sala, diz-se que o saber da biblioteca vem dos quatro cantos do mundo. Diz-se depois, na segunda, que a universidade não passa sem atributos morais: a honra, a virtude, a fama, a fortuna. Finalmente, na terceira sala, o lugar central é ocupado pela enciclopédia e os lugares circundantes pelos



UNIVERSIDADE DE COIMBRA





emblemas dos saberes que são professados na universidade (artes, teologia, astronomia, etc.).

O propósito era claro: superar a visão medieval da universidade tomada como mera soma de escolas, de mestres e de estudantes. A forma de superação consiste na existência de um ponto que se situa justamente no centro dos tectos de cada sala, figurado sob a forma de triunfo: biblioteca, universidade, enciclopédia são variações desse mesmo centro subordinante.

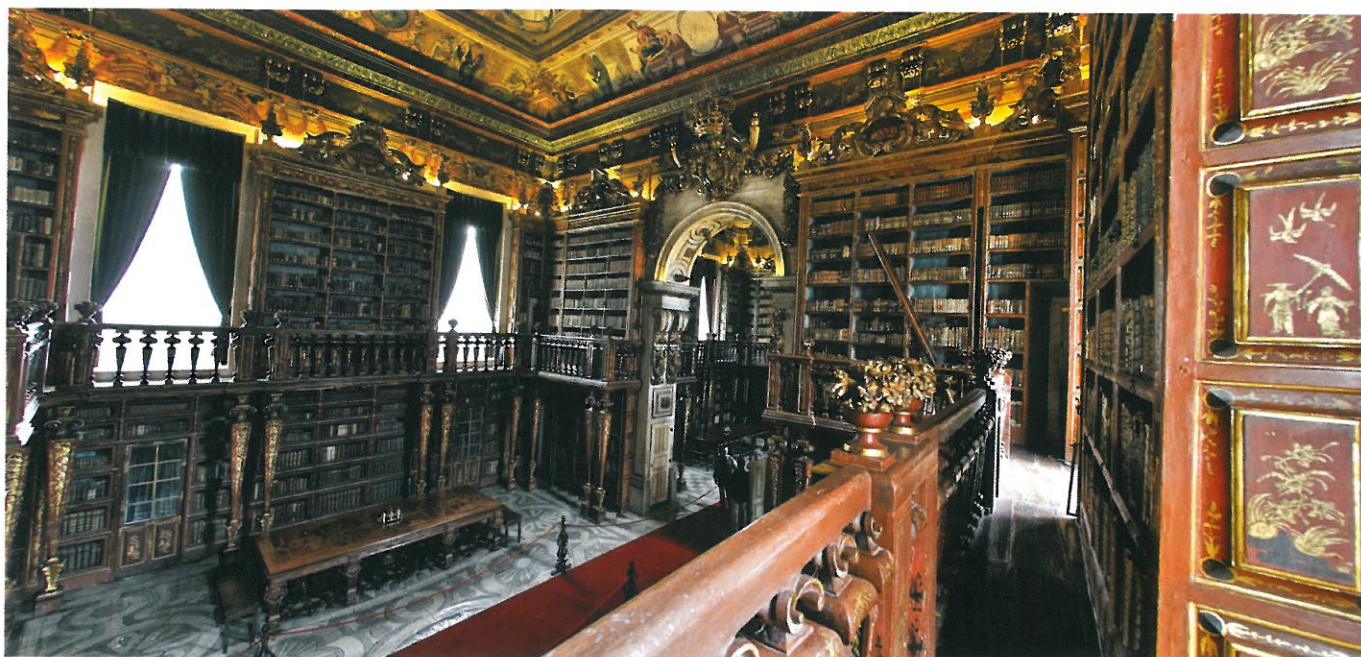
Trata-se de uma mensagem que se compreende na época exacta em que surge. Vista no seu conjunto, porém,

ela constitui a resposta a uma das necessidades mais constantes da Universidade de qualquer tempo: a necessidade de um *ethos* agregador e confluyente capaz de construir uma identidade compósita ou hipostasiada.

Não esqueçamos que a identidade foi sempre e continua a ser um problema maior da instituição universitária. No século XVIII, a resposta maior para este problema parecia ser só uma: a biblioteca.

Assim se explicam, desde logo, os fundamentos apresentados pelo Reitor da época a D. João V para justificar a construção de um





edifício que deveria servir para dois propósitos distintos: guardar os livros e proclamar a importância e a abrangência da universidade. Já não bastava, portanto, acomodar, em estantes contíguas, os volumes que versavam as diferentes matérias. Tratava-se de algo mais: de construir um edifício simbólico, onde a Universidade se sentisse idealizada e glorificada como instituição global e não como simples justaposição de escolas.

Nas suas diferentes tónicas, a reforma pombalina haveria de trazer a Coimbra a valorização dos novos saberes, com destaque para aqueles que detinham uma base experiencial. Construíram-se laboratórios, anfiteatros, jardins e nasceram também as bibliotecas especializadas. Algumas das que foram então criadas chegaram aos nossos dias notavelmente robustecidas.

Séculos mais tarde, nova mudança profunda chegaria à cidade do Mondego. Refiro-me à reconversão



da cidade universitária que data da década de 40 do século XX, que viria a incluir a adaptação do espaço para a nova biblioteca, que se previa pudesse durar 50 anos e acolher mais de meio milhão de monografias. O edifício que resultava da adaptação da velha Faculdade de Letras era praticamente novo e ficou dotado com tudo o que de melhor existia: aquecimento central, sala para mais de 200 leitores, mobiliário especialmente desenhado, espaços nobres como o salão de São Pedro, sala de reservados e um quadro de funcionários que chegou a rondar a centena, entre bibliotecários e *contínuos*, como então se designava o pessoal menos graduado. E tudo

isto para servir os 1770 estudantes que na altura se encontravam matriculados na Universidade (que, hoje, tem 15 vezes mais).

Preservar o notável acervo que continua à sua guarda, disponibilizá-lo aos interessados, presencialmente e à distância, actualizar esse mesmo acervo, atrair estudantes, facilitar a tarefa de quem investiga ao mais alto nível continuam a ser as preocupações mais importantes de quem trabalha na Biblioteca.

A mais nobre de todas as funções é, porém, a menos visível: a de servir como alegoria (cidadela) da própria Universidade. Enquanto estrutura



complexa, dotada de uma história que pode abranger muitos séculos, como é o caso de Coimbra, a Universidade continua a necessitar muito de polos de agregação.

A Biblioteca Geral tem todas as condições para ser um desses polos.

São muitas as individualidades nacionais e estrangeiras que associam a Universidade de Coimbra à sua biblioteca, acentuando justamente a sua vertente patrimonial. Mas não falo só de vínculos afetivos, embora estes não devam ser desprezados. Falo também de vínculos de natureza intelectual e científica. Menciono





alguns exemplos. A Biblioteca realiza, por ano, uma média de 6 Exposições, algumas delas com Catálogo, versando temas que vão da Arquitetura, à Botânica, à História, etc.. Para mencionar apenas exemplos recentes, invoco uma mostra sobre as relações entre Portugal e a China (que promovemos em colaboração com o Museu da Ciência e o Arquivo da Universidade) à qual se seguiu imediatamente uma outra, sobre Sören Kierkegaard, em colaboração com a Embaixada da Dinamarca e a participação de colegas de Filosofia. Poderia qualquer uma destas duas exposições ter sido promovida por uma Faculdade ou

por um Departamento? Sem dúvida. Mas não teria a mesma amplitude e, sobretudo, não teria a mesma transversalidade. Tendo-se realizado na Biblioteca e com a participação activa dela, chama-se melhor a atenção para o facto de o encontro entre o Ocidente e o Oriente não interessar apenas aos historiadores; por outro lado, a evocação do grande filósofo dinamarquês, por ocasião da passagem de duzentos anos sobre a sua morte, não deve apenas dizer respeito a um sector do saber. Acolhendo e promovendo manifestações desse género, uma Biblioteca Geral garante a sua extensão a todo o *campus* académico.





Resta-me falar de uma outra função essencial que a biblioteca universitária é chamada a cumprir nos nossos dias. Falo do contacto com o livro, enquanto unidade de pensamento e de discurso. Apesar de hoje o confundirmos com o suporte impresso, o livro conheceu já vários tipos de formato. Aquilo que melhor o caracteriza é justamente o facto de constituir uma unidade concatenada imputável a um autor (mesmo quando este é anónimo). Quer sob a forma de rolo, quer sob a forma de códex, quer ainda sob o novo formato electrónico, o oposto do livro continua a ser o fragmento e a informação não autoral.

Embora possa acolher fragmentos (que muitas vezes sobraram de um livro ou não chegaram a transformar-se nele) e também jornais e revistas, mapas, gravuras e fotografias, a biblioteca guarda sobretudo livros.

Todos sabemos que o nosso tempo favorece o fragmento, seja em forma de capítulo, seja em forma

de paráfrase por vezes já não imputável a nenhum autor. Esta mentalidade, que antes apenas prevalecia no Ensino Secundário, tem vindo a ganhar espaço nas universidades. Mesmo em áreas onde se poderia esperar que a sua implantação pudesse ser mais difícil (penso sobretudo nas Ciências Sociais e nas Humanidades) existem sinais abundantes dessa tendência. O estudante trabalha à base do ecrã, acciona motores de busca e cria a ilusão de que os dados que recolhe equivalem a conhecimento caucionado. Alguns professores não desistiram de verberar estes procedimentos mas, muitas vezes de forma inconsciente, outros vão fazendo concessões que crescem de ano para ano. Basta olhar para a contracção das listagens de bibliografia da maior parte das cadeiras. Falo agora apenas das cadeiras de Letras, evocando o meu tempo de aluno, quando os programas eram acompanhados de longas listagens de estudos (na sua maioria, constituídas por

livros) quase nunca hierarquizada; evoco ainda o meu tempo de Assistente, onde me competia guiar os alunos por entre o emaranhado da bibliografia que o Professor elaborava, permitindo, a quem, se contentava com a mediania, dispensar a leitura de metade dos livros. Mas ainda sobrava uma quantiosa metade e as instruções





de então iam no sentido de criar naqueles que não lessem tudo o remorso que os deveria levar a ler o resto mais tarde.

Hoje, todos o sabemos, está longe de ser assim. As bibliografias que figuram nas plataformas são reduzidas e, algumas vezes, não chegam a ser significativamente ampliadas no decurso das aulas. Algumas vezes, o professor chega a resumir a bibliografia aos seus alunos, como única forma de lhes transmitir notícia da sua existência. De condescendência em condescendência, cortou-se a possibilidade de o aluno dialogar directamente com outros Mestres,

grandes investigadores e ensaístas que escreveram livros inteiros e construíram conhecimento em primeira mão. Ainda há alunos que não prescindem desse diálogo, é certo. Mas são poucos.

Ora, justamente a promoção do contacto com o livro equivale a enveredar por uma ética de exigência que contraria este modelo de ensino. Levar o aluno a construir o seu próprio conhecimento é torná-lo capaz de reconstruí-lo em cada momento da sua vida. Esse desiderato alcança-se com uma inflexão da atitude dos docentes e consegue-se com bibliotecas apetrechadas e funcionais.



As bibliotecas não-de parecer lugares estranhos a muita gente. Impõem a observância do silêncio e, de alguma forma, requerem a suspensão do tempo. Um livro ensaístico de 200 páginas pode demorar 5 horas a ler. Exige continuidade na leitura e, para mais, está longe de conter a verdade toda. A seguir a esse será preciso ler outros. E bem sabemos que não é comum que existam 5 horas de concentração consecutiva ou pouco intercalada na vida de um leitor jovem.

Mas a mudança maior que afasta os jovens estudantes do contacto com os livros (sobretudo com os livros grandes e difíceis) reside num outro aspecto menos falado: é que se deixou de insistir na recompensa que pode obter-se com uma tarefa desse tipo. Tratando-se de uma actividade que colide com as tendências naturais (embora reunindo muitos méritos, o livro é uma invenção humana e não representa uma dádiva divina) e com os ritmos instalados na vida dos nossos dias, a leitura de investigação só vale a pena se houver um fim superior que a justifique.

Para uma anterior geração, esse fim sempre existiu e sempre se bastou a si próprio. Mas hoje não é assim. Por isso se revela importante não desistir da catequese que faz do livro um meio insubstituível para se alcançar a recompensa do conhecimento. Do conhecimento precário, é certo. Aquele conhecimento que se reúne numa tese, num ensaio ou num romance que há de ser superado por outras teses, outros ensaios e outros romances.

Regresso enfim à Biblioteca Joanina. Apenas para chamar a

atenção para um micro-espço que lá existe e no qual poucos reparam. Refiro-me aos gabinetes de 2 metros que se situam à esquerda de quem entra. São pequenos demais para os nossos hábitos mas têm muitas vantagens: têm vista para o arvoredo e para o rio Mondego, estão equipados com o tampo inclinado de uma mesa e há estantes à altura da cabeça e ao alcance da mão. A exiguidade do espaço impõe-nos a concentração no livro que se está a ler. A vista permite-nos pequenos intervalos de espírito, o fluir das águas garante-nos que há movimentos que vêm de longe e que o tempo continua a correr independentemente da nossa vida interior.

Há estantes mas são pequenas. Ouço dizer que originalmente tinham ainda menor dimensão. São os gabinetes que eram utilizados pelos investigadores. Pela sua pequenez e pelo ambiente de clausura que evocam são os continuadores dos antigos *scriptoria*.

Sempre que entro na biblioteca Joanina, detenho-me naquele espaço. Para mim, ele representa a utopia da investigação operosa e feliz. Ponho-me a pensar em todas as utopias que os homens construíram, grande parte delas plasmadas na literatura e noutras artes (ilhas afortunadas, cidades ideais, fontes de eterna juventude) e dou-me conta de que aquela utopia concreta não tem sido suficientemente destacada. A utopia que consiste justamente na possibilidade de alguém poder fechar-se num gabinete com os livros de que precisa (nem livros a mais nem livros a menos). Pode então dedicar-se a escrever outros livros, dando continuidade ao

interminável diálogo humano, enquanto o rio corre, ao alcance da vista, interiorizando esta verdade suprema: a de que, tal como o curso das águas, também a nossa vida, envolvendo dúvidas, sonhos e anseios, teve precedentes e corre para uma foz onde tudo se renova ou se dissolve.

À luz destes pensamentos a Universidade ganha sentido como lugar de trabalho honesto e de descoberta. E ainda não existe melhor alegoria para ela do que uma biblioteca rica, calma, confortável e, se possível, com vista para um rio. ●

